

ANTONIO RIBEIRO CHIADO

Cleonice Berardinelli

Que lisboeta, ou mesmo que português, não ouviu e não pronunciou muitas vezes a palavra *Chiado*? Que acudiu e acode a cada um ao ouvi-la ou lê-la? Um largo no coração da cidade. Alguns se lembrarão da estátua que lá está. Quantos a terão olhado com atenção bastante para ver que tinham diante de si um homem sentado, corpo ligeiramente pendido para diante, a mão direita erguida em gesto persuasivo, tendo no rosto simpático um sorriso de lábios entreabertos de onde pareciam sair os versos que escrevia e interpretava, autor e ator, como Gil Vicente. Dos que se detiveram a observá-lo, quantos leram um de seus autos ou práticas, ou, ao menos, alguns de seus versos? Será temerário dizer que bem poucos?

Entre esses me incluía eu quando, pela primeira vez, vim a Lisboa, há precisamente 35 anos, com alguma informação e pouca leitura do poeta, apesar de já dar cursos de Literatura Portuguesa havia quinze anos. Subida a rua Garrett, abria-se o largo e ali estava, diante de mim, quase palpitante de vida, Antônio Ribeiro, o *Chiado*, franciscano desfradado, zurzidor dos ridículos e manias dos seus contemporâneos. Foi a sua presença *brônzea*, direi, que primeiro me impressionou. Quando, anos mais tarde, entrei a participar, no Brasil, do projecto do Instituto Nacional do Livro, de preparação de edições de autores do século XVI, veio-me o desejo de editar o *Chiado*. Com a indispensável colaboração de um meu distinto ex-aluno de Letras e já então colega, o Prof. Ronaldo Menegaz, habituado ao convívio com autores quinhentistas, como pesquisador do Instituto, decidi enfrentaras grandes dificuldades do teatro de Antônio Ribeiro. Editamos os dois autos: o da *Natural Invenção* e o das *Regateiras*. E dávamos início à preparação das duas práticas, quando os critérios e as diretrizes do Instituto mudaram de rumo, e as obras quinhentistas foram deixadas de lado. Nossa frustração foi grande. Guardamos com carinho o material já parcialmente preparado, aguardando um dia

— haveria esse dia? — em que o retomássemos, com o mesmo entusiasmo e a mesma coragem. O dia chegou, 25 anos depois. Paulo Samuel, também corajoso, lança na editora Lello & Irmãos a Coleção de “Clássicos da Cultura Portuguesa” e convida-nos para inaugurá-la. E hoje, por um feliz acaso ou, como diria Pessoa, por essas “malhas que o Império tece”, o livro desse lisboeta nascido em Évora lhes é entregue dentro dos festejos da EXPO 94, neste ano em que Lisboa é a capital da cultura. Tornam-se agora acessíveis as páginas do dramaturgo, que até hoje permaneciam meio sepultas em edições meritórias, mas completamente esgotadas. Poderão os leitores conhecer de fato este autor que, nascido nos arrabaldes de Évora, em data desconhecida, escreveu peças de teatro que se passam quase com certeza em Lisboa, e morou neste espaço em que nos reunimos para falar dele, espaço que lhe deu a alcunha ou dela recebeu o nome, pouco importa.

Não esperem encontrar outro Gil Vicente. Este é incomparável na sua graça, na comicidade de gama larga — do enternecido ou brejeiro ao contundente e impiedoso —, na beleza ímpar de um lirismo laico ou religioso, no movimento que imprime aos versos e às cenas. Mas afaço-lhes que reencontrarão nas páginas do “bargante nono Chiado” como lhe chama zombeteiramente Afonso Alvares, alguns personagens bem explorados por Mestre Gil, como o *Escudeiro* e seu *Moço*, a *Mãe*, a *Filha*, os *Negros* — aliás, um homem — na “Prática dos Compadres” e uma mulher — no *Auto das Regateiras*. Assistirão a cenas cômicas bastante divertidas, penetrarão na intimidade das casas de gente do povo, da média burguesia e até de fidalgos: saberão o que comem, que móveis guarnecem suas salas, como se trata um casamento entre os pais, sem que os filhos possam opinar (o *Noivo do Auto das Regateiras* tenta reagir: “Eu tinha no pensamento / dar tua ida fora, / porque casar-me agora / é cativar-me ante tempo”, mas o pai não o leva em consideração); serão informados do que levam em dote o noivo e a noiva; tomarão partido em brigas acirradas entre mãe e filha, entre patrões e empregados negros, entre marido machista e mulher rebelada; o uvirão estranhas regras de bem comportar-se, surpreenderão queixas amorosas de amantes infelizes, acompanharão intermináveis diálogos sobre doenças e mezinhas, acompanharão os preparativos para um jogo de cartas, saberão como se adorna a casa para o Natal, como se faz uma representação em casa, e muito mais.

A obra dramática que conhecemos do Chiado consta de dois autos e duas práticas: pela designação que lhes deu o autor, conclui-se que ele teria tido consciência de que só duas de suas peças, o *Auto da Natural Invenção* e o *das Regateiras*, chegavam à categoria de *autos*, isto é, eram dotados de ação, tinham uma certa intriga, com começo, meio e fim, considerando-os mais teatrais que as práticas dos *Compadres* e d’*Oito Feguras*”. Na verdade, só o *Auto das Regateiras* satisfaz aquelas exigências.

O *Auto da Natural Invenção*, em que há um auto dentro do outro, contém elementos preciosos para a reconstituição das representações em casas particulares: o atraso das *figuras*, a multidão dos que acorrem, o arrependimento do dono da casa, as disputas entre o *Autor*, o *Representador* e os atores. Apresenta figuras muito curiosas, como os *Matantes*, o *Negro* que não o é, mas

figura do segundo ato, o *Ratinho* e seu primo Duarte. Rústicos ambos, travam um diálogo sobre o amor que dedicam ambos à mesma jovem, numa linguagem que causa surpresa. Fala primeiro Duarte, lamentando-se com expressivas imagens originadas em seu mundo rústico, e com tiradas que surpreendem em sua boca, onde utiliza a dialética amorosa do tempo, jogando com palavras e conceitos. Melhor será ouvi-lo, a lembrar a despedida da amada: “Despedi-me dela, então, / com saudosa paixão / e dores desesperadas: / e como as beiras talhadas / me chorou o coração.” A ela ele já dissera: “Senhora, eu vos certifico / ca, inda que parta, fico / em vós mesma sepultado.” Mas não se pense que o *Ratinho* lhe fica atrás. Eis como exprime a sua dor: “Nesta dor que m’atormenta, / para que mais forte a senta, / nela me mando enterrar; / e as lágrimas que eu chorar / serão a minha água benta / e o hissope o suspirar.”

No *Auto das Regateiras*, a figura mais marcante é a *Velha* — mãe desamorosa, patroa impiedosa, amiga cordial, ela agride com palavras a filha e a criada negra; pela sua força considero-a como uma espécie de soma das Velhas do teatro quinhentista de cunho tradicional. Beatriz (a filha) e Luzia (a criada negra) revidam suas agressões. Depois de ouvir um desfiar de agravos, Beatriz responde: “E vós porventura acabais? / Vós não sois como outra gente, / nunca vos vi sem bradar. / Não há saber-vos levar, / nem há i quem vos contente / e disto vos podeis gabar.”

Na *Prática dos Compadres*, a mulher é nomeada — *Brásia* — bem como o marido — *Vasco*. São um casal em permanente guerra, parecendo a princípio que a responsabilidade maior é do homem, a partir da sua regra machista de bem viver: “Tua porta cerrarás / o melhor que ser poder; / tomarás tua mulher / com bom pao / [...] / dar-lhe-ás infinda pancada / como emboi de concelho”, porque “a molher é pestenença, / se lhe fazem a vontade.” Há, porém, entre ele e a filha uma ligação mais forte e cordial do que entre esta e a mãe.

Na *Prática d’Oito Feguras* — todas masculinas — estamos em casa de um fidalgo, entre fidalgos, criados e o *Capelão do dono da casa*, tratado com descortesia e desrespeito.

Vários assuntos são abordados, numa postura predominantemente crítica. Critica-se a vida no paço, as trovas, a política, a justiça, as mulheres. A comicidade fica por conta do criado negro, dos diálogos equívocos, do processo tão explorado por Gil Vicente da mistura das linguagens sagrada e profana. Ambrósio da Gama, o dono da casa, livro de orações na mão e vela acesa, vai rezando salmos e antífonas entremeados de frases que revelam as suas preocupações pouco devotas: o que terá para comer e como respondeu a mulher que ama à carta que lhe enviou. O criado, a quem pergunta, diz-lhe que terá coelho e ele continua a rezar a Deus: “Livra-me de má requesta / pois a ti, Senhor, m’acolho. / Dize que lhe façam molho / porque sem molho não presta.” Quanto à mulher, o moço informa que ela o acha “dos mais sem sabores”.

Muito mais haveria a dizer e citar do nosso autor, e não me falta a tentação de fazê-lo. Mas é hora de calar-me e deixar que lhes chegue, a cada um, diretamente de seus versos, a voz do poeta dramaturgo, a dizer-lhes que a sua é “ũa arte sobida, / discreta, mas mal sentida / de nécios irracionais.”